

## NOS LABIRINTOS DO SER: DA SOMBRA PESSOAL À SOMBRA COLECTIVA

Li, há algum tempo atrás, uma história hassídica relatada por Andrew Bard Schmookler<sup>1</sup> que contava assim:

“O filho de um rabino foi celebrar os ritos do *Sabbath* numa cidade vizinha. De volta, a família perguntou:

— Eles fizeram algo diferente do que fazemos aqui?

— Sim, é claro — respondeu o filho.

— E qual foi a lição? — perguntaram.

— “Ama o teu inimigo como a ti mesmo”.

— Mas isso é o que dizemos aqui. Por que disseste que era diferente?

— Eles ensinaram-me a amar o inimigo dentro de mim mesmo.”

À primeira vista algo desconcertante, esta narrativa ilustra, de forma eloquente, o que foi desenvolvido no artigo publicado por mim na *Revista Intercâmbio*<sup>2</sup> e que se prendia, essencialmente, com a análise, ilustrada por alguns contos do folclore tradicional gaulês, do conceito de *sombra* pessoal que um reconhecido seguidor de Jung sintetiza da seguinte forma: “O termo *sombra* refere-se à personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Como tudo o que é inconsciente é projectado, encontramos a *sombra* na projecção — na nossa visão da outra “pessoa”. Como figura

---

<sup>1</sup> Schmokler é autor de um artigo intitulado “*O Reconhecimento da nossa cisão interior*” que faz parte de um livro organizado por ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah — *Ao encontro da Sombra. O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1999. A história vem citada na p. 212.

<sup>2</sup> Artigo esse com o título de “*A sombra nas narrativas maravilhosas (algumas reflexões)*”. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, n.º 10, 1999.

dos sonhos e fantasias, a *sombra* representa o inconsciente pessoal. Ela é como uma combinação das cascas pessoais dos nossos complexos, e, portanto, o limiar de todas as experiências transpessoais”<sup>3</sup>.

Com efeito, derivando das descobertas levadas a cabo por Sigmund Freud e por Carl Gustav Jung, o arquétipo da *sombra* pessoal engloba toda uma reflexão, sintetizada no âmbito da psicologia das profundidades, sobre a profunda cisão que parece existir entre o lado luz e o lado sombra da psique humana, sendo este último caracterizado por “desejos não reconhecidos” e por “porções reprimidas da personalidade”. Na sua obra *Sobre a Psicologia do Inconsciente*, o psicólogo de Zurique afirmava: “Por *sombra*, quero dizer o lado negativo da personalidade, a soma de todas aquelas qualidades desagradáveis que preferimos ocultar, juntamente com as funções insuficientemente desenvolvidas e o conteúdo do inconsciente pessoal.”<sup>4</sup> E três décadas mais tarde, acrescentava: “Uma pessoa não se torna iluminada ao imaginar formas luminosas mas sim ao tornar consciente a escuridão. Este último procedimento, no entanto, é desagradável e, portanto, impopular”<sup>5</sup>.

“Amar o inimigo dentro de mim mesmo” é, então, responsabilizar-nos pelas potencialidades negativas das nossas emoções e impulsos instintivos básicos, encarando-os de frente, neles reflectindo, analisando-os, tentando compreender os mecanismos recorrentes de que lançam mão para nos submeter ao seu jugo tirânico e destrutivo.

---

<sup>3</sup> Cf. o capítulo 10 — “A sombra” do livro de WHITMONT, Edward C. — *A busca do símbolo. Conceitos básicos de psicologia analítica*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1995. A citação é da p. 144. É ainda no mesmo capítulo que o autor sintetiza o que irei desenvolver nesta reflexão: “(...) a existência ou a necessidade de uma *sombra* é um facto arquetípico humano geral, já que o processo de formação do ego — o choque entre a colectividade e a individualidade — é um padrão humano geral. A *sombra* é projectada de duas maneiras: individualmente, na forma das pessoas a quem atribuímos todo o mal; e colectivamente, na sua forma mais geral, como o Inimigo, a personificação do mal. As suas representações mitológicas são o demónio, o arquiinimigo, o tentador, o maligno ou o duplo. (...)” (p. 147).

<sup>4</sup> Cf. JUNG, C. Gustav — *Sobre a Psicologia do Inconsciente*, Lisboa, Ed. Delfos, 1967, p. 125.

<sup>5</sup> Referido na *Introdução* à Parte I do livro já citado — *Ao encontro da Sombra. O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1999, p. 28.

Posturas repressivas devem ser substituídas por uma disciplina salutar da qual dependem cada vez mais a nossa sanidade e sobrevivências física e psíquica. Precisamos de controlar os nossos actos por meio da vontade. Os sentimentos e emoções necessitam de ser libertados da repressão, aceites conscientemente, experimentados. Precisamos de discernimento e lucidez para escolher os momentos e ocasiões adequadas para exprimir impulsos hostis ou de carácter proibitivo, sem com isso violarmos a nossa própria integridade nem os direitos de outros seres humanos.

Mas, infelizmente, fazemos vista grossa face à ambivalência de cada sentimento e de cada acto. Esquecemo-nos de que cada motivação, de que cada impulso, têm um lado potencialmente construtivo e outro destrutivo. Identificamo-nos e vemos apenas aquilo que consideramos bom ou mau, a luz ou a escuridão. Não enxergamos que tudo vem acompanhado do seu oposto. Uma boa motivação, pode, afinal, desencadear um acto destrutivo. Um acto aparentemente não correcto pode ter consequências construtivas. “Fazer o bem” pode abranger uma grande dose de hostilidade reprimida e de má vontade. Na imensa sabedoria da África negra há um conto recuperado por Henri Gougaud no seu livro *L'arbre à soleils*<sup>6</sup> — “Le serpent d’Ouagadou” — que me parece evocar, sob o amplo simbolismo do “bode expiatório”<sup>7</sup> e do sacrifício, os perigos de uma unilateralidade que se recusa a aceitar a Vida com as suas dualidades inevitáveis que exigem, a cada um de nós, a “oferenda da imolação” ou seja, a descoberta inevitavelmente dolorosa de que novas dimensões da experiência humana se abrem sempre que aceito, em consciência, como indispensáveis ao crescimento interior, a dificuldade, o fracasso, a dor e até a morte.

Existia outrora, no Gana, uma cidade rica e próspera — Ouagadou — onde homens, mulheres e crianças viviam despreocupados e felizes. Deviam a sua imensa prosperidade a uma serpente, Bira, que vivia no fundo de um poço, num vasto jardim, mesmo no centro da cidade. Mas

---

<sup>6</sup> GOUGAUD, Henri — *L'arbre à soleils. Légendes*, Paris, Ed. du Seuil, 1979.

<sup>7</sup> Cf. o livro de PERERA, Sylvia Brinton, intitulado *O Complexo do Bode Expiatório. Rumo a uma mitologia da Sombra e da Culpa*, São Paulo, Ed. Cultrix, Col. Estudos de Psicologia Junguiana por analistas junguianos, 1998. E ainda o artigo de LEQUIN, Ursula K. — “Os que vão embora de Omelas” publicado no livro colectivo organizado por ABRAMS, Jeremiah — *O Reencontro da Criança Interior*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1999, pp. 105-110.

“(...) le serpent Bira n’était pas un bienfaiteur désintéressé: il acceptait de fertiliser la terre, de faire pousser l’or dans la montagne et les fruits dans les vergers, à condition d’être payé en vies humaines (...)”<sup>8</sup>. E era assim que, em cada novo ano, no primeiro dia, Bira recebia em oferenda a mais bela rapariga da aldeia. Até que um dia, o noivo inconsolável daquela que ia ser imolada (simbolicamente apelidado de “Adou-le-taciturne”) resolve matar a serpente. Com a lança, decepa a cabeça de Bira, não sem que esta tenha antes pronunciado uma maldição fatal: “(...) Pendant sept ans, sept mois et sept jours la cité d’Ouagadou et le pays alentour ne recevront ni pluie d’eau ni pluie d’or. (...)”<sup>9</sup>. E é assim que, ao querer fazer prevalecer os seus próprios interesses e vontades egóicos contra a própria natureza (representada aqui pela energia vital do animal), querendo forçá-la a servir os propósitos de um ego que deseja, a todo o custo, evitar a dor, o sacrifício e o sofrimento, “Adou-le-taciturne”, na incapacidade de controlar impulsos, necessidades e desejos, se condena para sempre e consigo condena todo um mundo: “(...) Le serpent Bira était étrangement puissant et les Anciens avaient raison de le craindre. Le jeune téméraire qui osa trancher sa tête ruina du même coup l’empire du Ghana, le plus fameux d’Afrique. Les rivières se sont taries; les dunes du désert ont roulé sur les prairies, la famine et la soif ont poussé les hommes vers des terres plus accueillantes. C’est pourquoi, maintenant, les splendeurs de la ville d’Ouagadou ne sont plus que des rêves tristes sous des lindeux de sable:”<sup>10</sup>

“Conhece-te a ti mesmo”: este preceito, antigo como o mundo e de certo modo perpetuado por Sócrates, está na base de toda e qualquer evolução autêntica do ser humano. Desde a Antiguidade e a Idade Média, do Oriente ao Ocidente, tal exortação omnipresente em todas as civilizações e culturas, reivindicação inequívoca do valor da interioridade, exorta-nos continuamente não a um mero movimento narcísico e egocêntrico, mas a um sucessivo e corajoso despojamento das diversas máscaras que o ser humano endossa e que, de tal forma integradas na nossa imagem pessoal e

---

<sup>8</sup> “Le serpent d’Ouagadou”..., p. 37.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>10</sup> *Ibid.*, *ibidem*.

social, necessitam, para nos vermos livres delas, de serem arrancadas sem complacência e até mesmo, por vezes, com inequívoca severidade.<sup>11</sup>

Em *Fragmentos de um Ensino Desconhecido*, P. D. Ouspensky reproduz algumas palavras do sábio e filósofo Gurdjieff que se refere assim à ausência de unidade no homem: “(...) O homem não tem “Eu” individual. No seu lugar, há centenas e milhares de pequenos “eus” separados, que a maior parte das vezes se ignoram, não mantêm nenhuma relação ou, ao contrário, são hostis uns aos outros, exclusivos e incompatíveis. A cada minuto, a cada momento, o homem diz ou pensa “Eu”. E de cada vez o seu “eu” é diferente. Num instante era um pensamento, agora é um desejo, depois uma sensação, logo após, outro pensamento, e assim por diante, sem fim. O homem é uma pluralidade. O seu nome é legião. (...)”<sup>12</sup> E mais adiante conclui: “(...) E nada há no homem que esteja em condições de controlar essas mudanças dos “eus”, principalmente porque o homem não as nota ou não tem nenhuma ideia delas; vive sempre no seu último “eu”. Alguns, naturalmente, são mais fortes que outros; mas não pela sua própria força consciente. Foram criados pela força dos acidentes ou por excitações mecânicas externas. A educação, a imitação, a leitura, o hipnotismo da religião, das castas e das tradições ou a sedução da última moda, dão nascimento, na personalidade do homem, a “eus” muito fortes que dominam séries inteiras de outros “eus” mais débeis (...)”<sup>13</sup>.

Píndaro dizia: “Torna-te quem tu és” ou seja, despoja-te das máscaras que te impedem o conhecimento do teu ser profundo, interior, tantas vezes ignorado e até por ti camuflado, e enfrenta, num trabalho lento, corajoso, perseverante, com humildade e no meio de sucessivos dilaceramentos, o que de verdade está contido em ti: um *Outro* diferente que desconheces, feito de estados, emoções e comportamentos que em nós desper-

---

<sup>11</sup> Disso nos fala um Professor Catedrático de Psicologia da Universidade de Madrid, Enrique Rojas, numa publicação já traduzida para português, sob o título de *O Homem Light. Uma vida sem valores*, Coimbra, Gráfica Coimbra, 1994. Das máscaras — que são, afinal, negação do Self verdadeiro — nos fala ainda Lowen, Alexander num dos seus livros — *Narcisismo*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1993.

<sup>12</sup> in OUSPENSKY, P. D. — *Fragmentos de um Ensino Desconhecido*, São Paulo, Ed. Pensamento, 1993, p. 271.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 272.

tam sentimentos, pensamentos e imagens que surgem diametralmente opostos aos nossos pontos de vista e intenções<sup>14</sup>.

Chegar, por experiência pessoal e íntima — uma vez tomados de vertigem diante do abismo da nossa miséria e do nosso nada — ao reconhecimento íntegro de que não passamos de pó, é uma provação que ultrapassa as possibilidades de muitos e que encerra o risco de atirar o ser humano para o desespero, para a inflação do eu e até mesmo para a loucura. S. João da Cruz e Nietzsche, por mais afastados que pareçam um do outro, estão próximos no conhecimento que ambos parecem ter tido do nada do ser. Mas enquanto o primeiro, humildemente, “entregou” o seu nada ao transcendente em si, ao seu *Self*<sup>15</sup>, o segundo, incapaz, no seu orgulho, de suportar esse nada, defendeu-se dele por um esquema de inflação egóica que acabou por o conduzir à alienação mental. Quantas narrativas míticas — *Ícaro*, *Prometeu*, *Sísifo*, o *Rei Midas* — nos falam da “hybris” desmedida que turva o olhar lúcido e a razão e que, ao confundir sabedoria e conhecimento com desafio aos deuses, remete o ser humano

---

<sup>14</sup> Um dos livros mais interessantes que até hoje me foi dado ler sobre as máscaras — os *duplos*, os *alter-egos* — que surgem continuamente nas nossas vidas, foi o livro de Perrot, Etienne, um eminente discípulo de Jung que desenvolveu durante anos e anos em França, todo um trabalho pioneiro sobre a psicologia das profundidades. O livro a que me refiro encerra os diálogos em emissões da France Inter que Perrot teve com Henri Gougoud e Jacques Pradel, cujo “leitmotiv” era a análise dos sonhos apresentados — por escrito — pelos ouvintes. Trata-se de *Les Rêves et la Vie* publicado em Paris pelas Ed. du Dauphin/ J. Renard, 1999.

<sup>15</sup> No capítulo 13 do seu livro *Retorno da Deusa* (São Paulo, Summus Editorial, 1991), Edward C. Whitmont resume assim o conceito junguiano relativo ao arquétipo da individuação, o *Self*: “(...) Jung apelidou de *Self* a soma total do nosso ser potencial. Contrastou este *Self* mais amplo com o nosso pequeno “eu”, ou seja, com a nossa autoimagem consciente, o nosso sentido de identidade pessoal, de esperanças e expectativas pessoais. O *Self* funciona como se gerasse uma vontade evolutiva e um padrão intencional próprios, que muitas vezes estão em desacordo com a personalidade egóica consciente. Do *Self* influem os nossos instintos “mais baixos”, além das nossas aspirações espirituais. Ele gera o nosso impulso de individuação, a ânsia de nos tornarmos o que somos e também a consciência individual genuína que, no seu significado psicológico, é semelhante à *vox dei*, “a voz de Deus”. Neste sentido, o *Self* funciona como uma entidade transpessoal ou até mesmo suprapessoal (...) que exige ser concretizada ou encarnada da melhor forma possível em termos das possibilidade e limitações do ambiente familiar, social e cultural. (...)” (p. 227).

para os labirintos da perdição já que nem Ariana nem o fio servem os que se ufanam da sua auto-suficiência e maldição.

A responsabilização chegará, mais tarde ou mais cedo, como no conto *A Sombra* de Andersen, em que a figura de um sábio que, pouco a pouco, se deixa ludibriar e “engolir” pela própria sombra, nos obriga a reflectir sobre a urgência de encararmos de frente, sem leviandade nem menosprezo, uma força imensa que dentro de nós habita e que, deixada à solta, entregue à sua própria volúpia expansiva, acaba por se vingar, usurpando o lugar que outrora era ocupado pelo sábio-escritor. As posições acabam por se inverter, atingindo tal inversão um paroxismo que convida, cada um de nós, a ir ao encontro das “personas”<sup>16</sup> de que é feito e que engrossam o lado escuro da nossa personalidade. Caso contrário, o final será trágico: enquanto a Sombra acaba por se casar com uma Princesa (a quem faz crer que o sábio é uma mera sombra; por isso, é condenado à morte), o sábio definha, ninguém lê os livros que escreve sobre a verdade, a beleza, e a bondade e, resignado, é obrigado a servir de criado à sua própria sombra que, aliás, acaba por dominar tudo e todos: “(...) Eu vi [diz ela] por onde ninguém podia ver e o que ninguém podia nem devia ver. Para lhe dizer a verdade, este mundo é muito vil; e, se não fosse este preconceito de que um homem significa alguma coisa, eu não me preocuparia em sê-lo. (...) Vi o que ninguém havia de saber, mas o que todos ansiavam por saber — o mal do próximo. Se tivesse escrito um jornal, devorá-lo-iam; mas antes queria escrever às próprias pessoas e, em todas as cidades

---

<sup>16</sup> Cf. entre outros o artigo de Whitmont, Edward C. intitulado “*Persona: máscara que usamos para o jogo da vida*” reproduzido no livro colectivo organizado por DOWNING, Christine — *Espelhos do Self. As imagens arquetípicas que moldam a sua vida*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1998, pp. 31-36. Também no seu livro *C. G. Jung: o seu mito na nossa época* (São Paulo, Ed. Cultrix, 1997), Von Franz, Marie-Louise, sublinha: “(...) Há pessoas que sofrem da ilusão de serem idênticas ao papel social que representam (...): o sábio erudito ou médico “sabe-tudo”, o funcionário “energico”, a enfermeira “bondosa”, o clérigo “paternal e benevolente”, etc. Um motivo folclórico familiar materializou-se nesses indivíduos, o motivo no qual a máscara (*persona*) se apossa da pessoa que a usa e já não pode ser tirada. Muitos, no entanto, têm percepção e sentido de humor suficientes para evitar essa armadilha e têm capacidade para a pronta discriminação entre o papel público que exercem e o eu ego pessoal. (...)” (p. 62).

onde eu passava, desencadeava-se um terror inaudito.”<sup>17</sup> E continua, aquela que reduzirá o antigo amo a uma mera sombra e que se transformará, a ela própria, no amo, recusando-se a ser tratada por “tu” mas dando este tratamento àquele que, outrora, lhe dera a vida: “(...) Temiam-me e amavam-me. Os professores fizeram-me professor, os alfaiates deram-me fatos; tenho-os em grande quantidade; o director da Casa da Moeda cunhava-me belas moedas; as mulheres achavam-me gentil. Foi assim que me tornei no que sou.”<sup>18</sup>

A lição deste conto de Andersen repete-se, vezes sem conta, nas narrativas do folclore de todas as tradições e culturas. Sem nos darmos conta, não raro é que ficamos, ao longo da existência, presos à nossa *persona* e acabamos por, perigosamente, nos identificarmos com ela. Endossamos uma máscara (in)consciente (feita de uma multidão de “eus” transitórios e circunstanciais, como vimos, que se degladiam mutuamente, impedindo assim, numa inconstância vertiginosa, que os fragmentos se unam em torno de um eixo que nos traria identidade e individualidade) que vai camuflando o nosso verdadeiro ser. Orgulho, egoísmo e narcisismo estão na base que quase todas as deformações psíquicas: usurpação do consciente, reivindicações exageradas do ego, obstinação e recusa em se reconhecer tal e qual se é, eis os principais alicerces da *persona* que se encontra tanto na inflação do ego como na diminuição excessiva desse ego, numa falsa humildade, por exemplo, numa falsa inferioridade e, porque não dizê-lo?, numa falsa caridade. Beatos e fariseus preenchem os pólos antagónicos (melhor, fingidamente antagónicos) de uma civilização em que a lei pendular nos obriga, nas suas sucessivas unilateralidades, a desenvolver uma propensão cada vez mais consentida para o caos e a destruição, para a perversão e as compulsões radicais. Jacob Needleman, professor de Filosofia na Universidade de São Francisco, no seu célebre livro *Money and the meaning of life*<sup>19</sup> sublinha precisamente o carácter esquizofrénico e neuró-

<sup>17</sup> “A Sombra” in *Contos de Andersen*, Lisboa, Casa do Livro Editora, 1959, pp. 102-112. A citação é da p. 108.

<sup>18</sup> *Ibid.*, *ibidem*.

<sup>19</sup> NEEDLEMAN, Jacob — *Money and the meaning of life*, Published by Currency Doubleday, New York, 1994. Com que clarividência e perspicácia o filósofo sublinha: “(...) The whole tragedy is that in gathering such knowledge [academic knowledge alone, the science of economics, our science of psychology, or physics and chemistry

tico de um mundo — o nosso — que apenas vive de confrangedoras e falsas autocongratulações e de repugnantes melhorismos de fachada e afirma: “(...) Neurosis is a disease of man’s power to see himself. Seeing, in its deepest sense, begins as a confrontation of forces — the forces of consciousness and the forces that move away from consciousness toward inertness. These latter are called demons in the old religions. But the chief demon is that which prevents seeing.(...)”<sup>20</sup>

É urgente *ver*. Importa ter a coragem de descer ao fundo de si mesmo e perscrutar os meandros da nossa vida interior para neles descobrir as raízes mais subtis e mais secretas do mal. Importa experimentarmos um conhecimento íntimo dos nossos erros e defeitos, das nossas desordens e qualidades negativas, de forma a podermos superá-los. Na reflexão publicada sobre a *sombra pessoal*<sup>21</sup> tive ocasião de salientar que não é ignorando ou recusando-nos a aceitar os aspectos escuros, ocultos, reprimidos do nosso ser, não é praticando a política da avestruz que atingimos o autêntico conhecimento da totalidade do nosso ser. Bem pelo contrário: a *sombra* pessoal é tanto mais perigosa e ampla quanto mais profundamente reprimida. Integrá-la (incorporá-la de forma consciente, amá-la, neutralizá-la pois) é reconhecer e aceitar os elementos até então recalcados, o que equivale à recuperação lúcida e dolorosa dos nossos opostos, sem a qual a unificação do nosso ser seria impossível. Toda a unilateralidade é obstáculo ao processo de individuação<sup>22</sup>.

---

and anthropology: they are all abstractions. They separate out, they *ab-stract* only one aspect, one tiny piece of the world of reality] we ourselves are active in only one part of ourselves, the head. From that mind alone we take our sense of selfhood. But in fact, the whole of us is languishing. (...)” (p. 193). E conclui: “(...) all of the rest of us is disintegrating at the very moment that we are gathering both our facts and our sense of identity through being active in the mind alone, aided, of course, by the automatic functioning of the external senses. (...)” (p. 194)

<sup>20</sup> *ibidem*, p. 116.

<sup>21</sup> Remeto para o meu artigo já referido “*A Sombra nas narrativas maravilhosas (breves reflexões)*” publicado na *Revista Intercâmbio* (n.º 10) do Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1999.

<sup>22</sup> Em *La Voie de la Transformation* (Paris, La Fontaine de Pierre, 1980), Etienne Perrot resume deste modo o pensamento de C. Gustav Jung a propósito da “*voie de l’individuation*”: “(...) franchissement d’une succession de seuils qui ne vise à rien de moins qu’à une transformation de l’être. (...) *processus d’individuation*. Il l’entendait

A diferença entre destruir e banir é a diferença entre a repressão e a disciplina. A repressão tenta matar o impulso, relegando-o para o inconsciente. A disciplina reconhece e acolhe o impulso, mas escolhe não agir em função dele. A desidentificação implicará então a separação consciente entre impulsos e volição, a escolha eticamente responsável de uma acção praticada com a consciência das suas consequências.

Enquanto estivermos de relações cortadas com esses sentimentos espontâneos e intuições, enquanto a instintividade espontânea for tratada como se fosse inexistente e assim relegada para o limbo da inconsciência, seremos sempre soterrados sob o peso da culpa e da auto-rejeição, não só do que fazemos, mas também do que somos, dos nossos “maus” desejos e ânsias instintivas, das nossas fraquezas humanas. Não podemos aceitar o nosso ser autêntico e natural, as nossas necessidades primárias, as nossas ânsias agressivas, destrutivas, e os nossos desejos de poder. E assim nunca poderemos disciplinar o que negamos.

Lembremos que a natureza humana é complexa e que não pode regressar à unidade primordial sem a incorporação das facetas reprimidas da personalidade. Tudo o que é reprimido é conservado no inconsciente e pode, mais dia menos dia, causar graves prejuízos ao consciente. O que liberta não é a repressão mas a sua ultrapassagem que não se realiza sem uma prévia confrontação com os elementos reprimidos. Há que conhecer os instintos não para os negar (como negar uma parte essencial do nosso ser?) mas para os canalizar, para os dirigir de forma construtiva. Reprimido, o mal permanece sempre mal e tende, obviamente, a agravar-se. Uma vez conduzido à consciência, perde muita da sua força: as projecções da *sombra* pessoal tornam-se menos zombateiras, menos agressivas e vão-se dissolvendo lentamente; a *persona* desincha, perde um pouco do seu ímpeto, volta progressivamente ao seu devido lugar, passando a servir as forças conscientes em vez de as criticar e cegar.

Do mal aceite e integrado sai o bem. Estéril é somente o mal que é suportado sem ser reconhecido. Pertence ao folclore indiano um dos mais

---

d'abord comme la démarche par laquelle l'individu sort du cadre social, collectif, pour réaliser son destin propre, individuel, dont il est prégnant. (...) Dans la seconde partie de son oeuvre, l'individuation (...) est la réintégration dans l'Unité primordiale et ultime, la cassation de la division, des dualités, des oppositions, comme la libération hindoue qui est *nirvāṇa* (non-dualité), équivalent sémantique d'individuation. (...)” (p. 193).

belos contos que fala da importância fundamental em sabermos conviver e lidar com o nosso lado sombrio. Aliás, o início de qualquer atitude objectiva diante e face a nós próprios e aos outros radica na coragem em sabermos enfrentar as nossas faltas e fraquezas. O lado rebelde da natureza instintiva do homem, a oposição da *sombra* ao ideal brilhante e racional da perfeição virtuosa e celeste, não são aceites enquanto aspectos inerradicáveis da totalidade da existência humana. Por isso, a não-aceitação da nossa *sombra* deixa-nos vulneráveis às suas incursões e priva-nos do seu potencial criativo. Tal aconteceu com o povo de um país árido onde outrora existia uma árvore magnífica: “(...) Personne ne savait son âge. On disait qu’il était aussi vieux que la Terre. Des femmes stériles venaient parfois le supplier de les rendre fécondes, des hommes en secret cherchaient auprès de lui des réponses à des questions inexprimables et les loups lui parlaient, certaines nuits sans lune, mais personne jamais ne goûtait à ses fruits.”<sup>23</sup>

Arquétipo da matriz, da totalidade da Vida, tal árvore (como não relembrar todo o simbolismo do Conhecimento Supremo, da fecundidade natural, a aliança indefectível entre os três níveis do Cosmos?) possuía dois amplos ramos carregados de frutos aparentemente iguais mas visceralmente opostos: um dos ramos carregava a vida, o outro, a morte, já que os seus frutos eram venenosos. Como distingui-los? As estações sucediam-se trazendo a fome ao país. Apenas a árvore permanecia bela e cheia de vida, desafiando — dir-se-ia — os habitantes: “(...) Ils se dirent alors qu’il leur fallait choisir entre le risque de tomber foudroyés, s’ils goûtaient aux merveilles dorées qui luisaient parmi les feuilles, et la certitude de mourir de faim, s’ils n’y goûtaient pas” (...).<sup>24</sup>

Um deles, mais intrépido, arrisca e quer o destino que coma um fruto delicioso, suculento, que lhe permite recuperar as forças perdidas. Todos festejam e se precipitam sobre o ramo da direita onde os frutos e flores se renovam sem cessar.

Sabiam, por fim, qual o ramo que dava a morte: olharam-no com raiva e, num julgamento colectivo, decidiram cortar o que — pensavam — era não apenas inútil mas também perigoso.

E o conto acaba assim: “(...) Le lendemain, tous les bons fruits de la branche de droite étaient tombés et pourrissaient dans la poussière. L’arbre

---

<sup>23</sup> in GOUGAUD, Henri — *L’arbre d’amour et sa sagesse. Contes du monde entier*, Paris, Ed. du Seuil, 1992. O conto intitula-se “L’arbre” e a citação é da p. 190.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 191.

amputé de sa moitié empoisonnée n'offrait plus au grand soleil qu'un feuillage racorni. Son écorce avait noirci. Les oiseaux l'avaient fui. Il était mort.(...)”<sup>25</sup>

Raramente uma narrativa tradicional parece colocar, de um modo tão eloquente como esta, a ênfase sobre o facto de que o equilíbrio psíquico do ser humano (simbolizado aqui pela árvore) exige o reconhecimento e a integração de todos os opostos, a dissipação de (pre)conceitos estabelecidos por códigos normativos, numa percepção que se quer conjunta do bem e do mal, do egoísmo e da generosidade, do ódio e da compaixão, do prazer e do sofrimento, do comprometimento e da passividade, ou seja, de todos os pares contraditórios de que somos portadores. De uma forma poética, este conto indiano descreve aquilo em que se baseia, em grande parte, a *psicologia das profundidades* de Carl Gustav Jung: a harmonia psíquica depende da aceitação dos opostos, da reabilitação dos contrários recalçados e reprimidos, das enormes potencialidades libertadas pela aceitação da *dualidade*, chaves do processo de individuação e da realização da totalidade do ser. Reconhecer as dualidades que carregamos equivale a aceder a um estado superior de Consciência que nos permitirá evitar as armadilhas colocadas pelos preconceitos conscientes. Mas, como afirma sabiamente Georges Romey: “La route est longue qui conduit de la consommation du fruit de l'arbre de la connaissance à la surconscience dont dépend le véritable libre arbitre, c'est-à-dire la juste gestion des choix.”<sup>26</sup>

A sábia gestão das escolhas! Se, individualmente, nos deixamos muitas vezes possuir pela nossa *sombra* pessoal, o que não dizer em termos colectivos? Em nosso redor, a destruição parece ser total. Há muito que o universo deixou de ser uma morada. Nada já justifica o seu nome: *uni-versum*, o que converge na unidade, o que gravita em torno de um centro. Como podemos falar de um *Centro* quando tudo à nossa volta o rejeita, no impasse do materialismo científico, na sofreguidão da destrutividade tecnológica, no niilismo religioso, no empobrecimento espiritual que, de modo inequívoco, nos atiram, a todos nós, para o desconcerto de um mundo cada vez mais deserto e hostil?

---

<sup>25</sup> *Ibid.*, *ibidem*.

<sup>26</sup> Cf. o artigo “Le deux — La dualité” (pp. 25-28) no III vol. do *Dictionnaire de la Symbolique (Le vocabulaire fondamental des rêves)* de Georges Romey, Paris, Albin Michel, 1999. A citação é da p. 28.

A *sombra colectiva* — a maldade humana — encara-nos praticamente em todo o lado: “(...) ela salta dos títulos dos jornais; vagueia pelas nossas ruas e, sem lar, dorme no vão das portas; acumula-se nas chamativas “sex-shops” das nossas cidades; desvia o dinheiro do sistema de financiamento habitacional; corrompe os políticos famintos de poder e perverte o sistema judiciário; conduz exércitos invasores através de densas florestas e áridos desertos; vende armamentos a líderes ensandecidos e repassa os lucros a insurgentes reaccionários; por canos ocultos, despeja a poluição nos nossos rios e oceanos; com invisíveis pesticidas, envenena o nosso alimento.”<sup>27</sup>

Com quanta frequência pessoas e comunidades parecem dirigidas por actos de raiva e de destruição irracional que, a despeito da racionalidade e intenções, são capazes de devastar as suas vidas, podendo mesmo aniquilar-nos a todos num holocausto de proporções mundiais?

A *hipnose colectiva* é um tema recorrente em muitas narrativas maravilhosas e retrata bem, a nível da tradição oral e escrita do folclore universal, o perigo contagiante das emoções e impulsos colectivos que, a não serem vigiados e desintegrados, conduzem nações, povos, uma colectividade inteira à beira do abismo. Quem não se lembra do conto de Robert Browning intitulado *O Flautista de Hamelin* em que este, após ter libertado a cidade, com a sua música incantatória, de uma praga de ratos que todos e tudo consumia, se vê negada a retribuição monetária a que tinha direito, como paga ínfima de tão grande serviço? A ingratidão, a avareza e a falta de escrúpulos dos governantes e do povo da cidade levam-no então a utilizar as notas mágicas da sua flauta para atrair e levar para sempre da cidade todas as crianças: “(...) Começou a caminhar e, antes que tivesse entoado três notas, três notas apenas, um alegre murmúrio percorreu a cidade de Hamelin. Eram pézinhos que avançavam velozes, tamancos que ressoavam no empedrado, mão que aplaudiam, vozes de crianças que falavam alegremente. (...) O flautista percorreu a rua principal e encaminhou-se para o rio Weser, levando atrás de si todas as crianças de Hamelin. (...)”<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> in “*O lado da Sombra na vida quotidiana*”, artigo introdutório ao livro colectivo *Ao encontro da Sombra. O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*, Org. por Zweig, Connie e Abrams, Jeremiah, São Paulo, Ed. Cultrix, 1999. A citação é da p. 19.

<sup>28</sup> BROWNING, Robert — “*O Flautista de Hamelin*”, in *Os mais Belos Contos do Mundo*, Lisboa, Liv. Civilização Editora, 1993. A citação é da p. 87.

E como não recordar o lindo conto de Andersen — *O fato novo do Imperador* (também conhecido sob o título de *O Imperador vai nu*) que vê a sua vaidade ludibriada por dois tecelões impostores que lhe fazem crer que o fato que confeccionam é tão sublime que é ... invisível!: “(...) Não apenas as cores e os padrões eram de uma incomparável beleza, como as roupas trabalhadas por eles tinham o maravilhoso poder de se tornarem invisíveis quando vestidas por pessoas que não estavam à altura dos cargos que desempenhavam, ou então por pessoas particularmente estúpidas.(...)”<sup>29</sup> E o imperador pensou: “(...) Tenho necessariamente de mandar fazer roupas com este tecido. Vestindo-as, poderei descobrir quais os homens do meu reino que não são dignos dos cargos que ocupam. Além disso, poderei distinguir os sábios dos ignorantes.(...)”<sup>30</sup>

E se assim pensou, melhor o fez: e enquanto os falsos tecelões exigiam fios de ouro para teares que nada teciam, conselheiros e ministros — que, de modo algum, queriam passar por néscios e incompetentes — fingiam exultar com o progresso da obra. No dia do cortejo festivo, “(...) as pessoas pelas ruas e às janelas diziam:

— Céus! Vejam a roupa nova do Imperador! Nunca se viu nada de parecido. Reparem na maravilhosa cauda. Fica-lhe mesmo bem!

Ninguém queria mostrar aos outros que não via nada, com medo de ser julgado indigno de desempenhar o seu próprio cargo ou de o considerarem estúpido.” (...)”<sup>31</sup> Apenas uma criança ousou afirmar que o Imperador ia nu! Reconhecendo, por fim, a verdade, todos a gritavam mas o Imperador continuou a desfilar até ao fim, à frente dos camareiros que sustentavam a cauda de um manto inexistente.

Surpreendente como este conto não perdeu de modo algum a sua actualidade. Bem pelo contrário: no seu livro *A crise do mundo moderno*,<sup>32</sup>

<sup>29</sup> “O Fato Novo do Imperador”, in *Os mais belos contos de Andersen*, Lisboa, Liv. Civilização, 1992. A citação é das pp. 51-52.

<sup>30</sup> *Ibid.*, *ibidem*.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>32</sup> Cf. GUÉNON, René — *A Crise do Mundo Moderno*, Lisboa, Ed. Vega, 1990. Numa passagem deveras elucidativa do seu livro, René Guénon sublinha: “(...) O “humanitarismo” que está tanto em moda não merece seguramente ser levado a sério; mas é estranho que se fale tanto do final das guerras numa época em que elas fazem mais estragos do que nunca, não só devido à multiplicação dos meios de destruição, mas também porque, em lugar de se desenrolarem entre exércitos pouco numerosos e compostos unicamente de soldados de profissão, lançam todos os indivíduos uns contra

ao analisar as premissas da civilização quantitativa, materialista que é a nossa, René Guénon afirma que uma das características das massas é a de se deixarem conduzir. A de serem apenas um elemento passivo, alienante e alienado, uma “matéria” no sentido aristotélico do termo. Só que hoje em dia basta apenas dispor de meios materiais (económicos, por exemplo) para as conduzir. E faz-se crer a essas massas que não são conduzidas, que agem com espontaneidade e se governam a elas próprias — escolhendo — com inteligência!! — o seu próprio caminho. Não admira pois que, ao reflectir sobre os mitos, esses padrões supra-históricos omnipresentes em todas as civilizações e culturas e que traduzem, em termos arquetípicos, as forças em confronto no interior dos inconscientes pessoal e colectivo, James Hollis tenha descortinado<sup>33</sup> pelo menos três padrões recorrentes que evoluíram em todas as tradições ao longo dos séculos e na vida de cada um de nós, a saber, o *infantilismo* (Viver uma vida de preocupações narcisistas, a busca de gratificações imediatas e o sistemático evitar da dor e das responsabilidades por si mesmo e pelos outros), a *regressão química* (alimentos, drogas, tabaco e álcool têm sido usados para anular a dor da idade adulta psicológica e para estultificar a sensação de separação do eixo mítico fundamental) e a *dependência ideológica*. E é sobre este último esquema recorrente que Hollis sublinha com toda a pertinência: “(...) O terceiro modo mais comum de evitar o fardo da consciência é entregarmo-nos a um grupo ou ligarmo-nos a um grande líder. Já presenciámos nações inteiras que abriram mão da sua consciência individual e dos seus valores morais, para seguirem líderes carismáticos em campanhas santas. De Jonestown ao fundamentalismo evangélico e às adulações dos comerciais, a sedução do pensamento massificado é por demais evidente. (...)”<sup>34</sup> E conclui o mesmo autor. “(...) Mas toda a ideia que seja universalizada a

---

os outros, indistintamente, incluindo os menos qualificados para desempenharem semelhante função. (...)” (p. 118) E conclui: “(...) É este, ainda, um exemplo espantoso da confusão moderna, e é verdadeiramente prodigioso (...) que se tenha chegado a considerar como muito natural um “levantamento em massa” ou uma “mobilização geral”, e que a ideia de uma “nação em armas” se tenha podido impor a todos os espíritos, com poucas excepções. Podemos também ver aí um efeito da crença apenas na força do número: é conforme ao carácter quantitativo da civilização moderna pôr em movimento enormes massas de combatentes (...)” (p. 119).

<sup>33</sup> No seu livro *Rastreado os Deuses. O lugar do mito na vida moderna*, São Paulo, Paulus Ed., 1997.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 161.

fim de aplicar-se a todos, que não sofra dúvidas nem críticas internas, que polarize as pessoas, torna-se demoníaca. Qualquer ideologia religiosa, política, até mesmo psicológica, que pretenda simplificar as complexidades do mundo a fim de fazer com que a pessoa se sinta mais confortável, é demoníaca. Os que oferecem respostas fáceis não compreendem as perguntas. Permanecer no território de uma ideologia, em lugar de crescer por meio do necessário sofrimento da vida, é outra versão da regressão.”<sup>35</sup>

Quem, em 1900, diria que trinta anos mais tarde a barbárie mais pungente iria manifestar-se na Alemanha? Como acreditar, naquele tempo como hoje, que nações inteiras de pessoas inteligentes e cultas pudessem e possam vir a ser dominadas pela força fascinadora de um arquétipo? Hitlerismo, nazismo, todos os tipos de fascismos... Como afirmava Jung: “Dê um arquétipo ao povo que a multidão inteira se moverá como se fosse um único homem, não há como resistir-lhe.” Nos nossos estádios de futebol, o “hooliganismo” é bem disso prova evidente.

As igrejas têm vindo a desmoronar-se sob as investidas e os ataques da razão. Mas esta tem revelado a sua impotência face à (re)construção do mundo: o “futuro da ciência” viu-se desmentido por dois cataclismos mundiais e enxergamos já a expectativa/concretização de um terceiro que parece poder conduzir à destruição total do humano. É um facto que o século XX tem sido um período de triunfo sem precedentes para a espécie humana. A ciência moderna descobriu a energia nuclear, desenvolveu foguetes sofisticados que podem levar astronautas à lua, iniciou a engenharia genética, descobriu o código do ADN. Um gigantesca rede electrónica combinando rádio, telefone, televisão, satélites, computadores, está a transformar o mosaico fragmentado das comunidades humanas isoladas numa aldeia global.

No entanto — e é aqui que “entra” em cena a *sombra colectiva* — o lado obscuro da história do século XX é igualmente impressionante. Somas inimagináveis de dinheiro têm sido desperdiçadas na loucura da corrida armamentista e uma fracção mínima do arsenal disponível de armas nucleares poderia e pode destruir toda a vida na Terra. Dezenas de milhões de pessoas foram brutalmente torturadas e mortas no Holocausto, nos locais de expurgo e nos campos de trabalho na Rússia de Estaline, assim como nas prisões de outros regimes totalitários do mundo. Muitos outros milhões de pessoas têm vindo a sucumbir em confrontos violentos

---

<sup>35</sup> *Ibid.*, *Ibidem.*

incontáveis — e os continentes africano e asiático têm sido os menos poupados à fome, violência, destruição, rivalidades étnicas e êxodos dilacerantes.

A humanidade vive no medo constante de uma guerra atômica que significaria o extermínio total da vida neste planeta — mas acaso as experiências nucleares francesas e americanas têm abrandado nas ilhas do Pacífico?

Somos testemunhas forçadas de inúmeros cenários apocalípticos que se vão revelando de modo implacável, quer a nível nacional quer a nível mundial: a poluição industrial do solo, da água e do ar; a ameaça de acidentes provocados por resíduos nucleares; a destruição da camada de ozono; o efeito de estufa; a perda contínua de oxigénio pelo irresponsável desflorestamento, o envenenamento dos fundos marinhos, os perigos crescentes dos aditivos tóxicos utilizados na nossa alimentação.

Enquanto os países tecnologicamente desenvolvidos vão realizando o seu sonho de um crescimento sem limites, milhões de seres vivos vivem na miséria, e morrem cada dia de doenças para as quais já existe cura. Paralelamente ao acréscimo progressivo de riquezas, as nações industrializadas testemunham um aumento impressionante de distúrbios emocionais, de criminalidade e de suicídios. Tal crise mundial ameaça não apenas o *homo sapiens* — será que ainda merecemos este epíteto? — mas todas as outras espécies também. É por tudo isto que é uma questão de vida ou morte identificar correctamente as causas desta situação vertiginosa e encontrar um remédio eficaz para a multiplicidade de desastres provocados — irremediavelmente — pela *sombra colectiva*.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> No seu livro *Mal, o lado sombrio da realidade* (São Paulo, Ed. Paulinas, Col. “Amor e Psique”, 1998), John A. Sanford, analista junguiano, reflecte sobre a problemática da *sombra colectiva* nos seguintes termos: “(...) um grupo, cultura ou nação tem um determinado ideal de ego, que em troca cria uma *sombra colectiva*. Assim, os nazistas tinham um ideal de ego colectivo de uma superioridade ariana (...). Os Estados Unidos, com o ideal de ego colectivo do “destino manifesto” (...) — o destino manifesto do homem branco era possuir o continente norte-americano — criaram a *sombra colectiva* que os índios americanos puderam experienciar, quando exterminados de uma maneira que foi tão bárbara e cruel quanto o atentado nazista para exterminar judeus. (...)” (pp. 78-79). Por isso o mesmo estudioso adverte: “(...) É necessário haver uma consciência individual considerável para que se evite essa espécie de identificação tal que as qualidades da *sombra individual* e da *sombra colectiva* da nossa cultura e tempo se tornem inevitavelmente interligadas. (...)” (p. 79).

É que enquanto a maioria das pessoas e grupos vive o lado socialmente aceitável da vida, outros parecem viver as porções socialmente rejeitadas pela vida. Sempre que estas últimas se tornam objecto de projecções grupais negativas, a *sombra colectiva* assume a forma de racismo, de busca de um “bode expiatório” ou de criação do “inimigo”: projectamos nos outros os nossos próprios vícios, transferimos para os “alter-egos” que nos rodeiam tudo o que em nós não queremos ver e nos recusamos a aceitar — o mal.<sup>37</sup> Por isso Gandhi dizia sabiamente: “Os únicos demónios do mundo são aqueles que entram em nossos corações. É aí que a batalha deveria ser travada.” Para os americanos anticomunistas, por exemplo, a U.R.S.S. era o império do Mal. Para os muçulmanos, os Estados Unidos são o Grande Satã. Para os nazis, os judeus são os vermes bolcheviques. Para o monge asceta cristão, as bruxas e feiticeiras têm pacto com o demónio. Para os sul-africanos defensores do “apartheid” e os membros da Ku Klux Klan, os negros são sub-humanos e não merecem ter os direitos e privilégios dos brancos.

O poder hipócrita e a natureza contagiosa dessa fortes pulsões negativas tornam-se pois evidentes na extensão e universalidade das perseguições raciais, das guerras religiosas e das táticas de busca de bodes expiatórios. E é assim que os seres humanos tentam desumanizar outros, num esforço maquiavélico para assegurar que eles são superiores — e que matar o inimigo não significa matar seres iguais a eles. As negociações diplomáticas, administrativas e as medidas políticas e legais, intervenções sociais e económicas e outros esforços semelhantes têm tido um efeito muito pequeno. É que a dificuldade maior que o mundo em crise atravessa não tem tanto a ver com problemas de natureza política, militar, tecnológica ou económica mas estes são, em si mesmos, sintomas alarmantes do estado emocional, moral e espiritual da humanidade inteira. Em última análise, são o resultado colectivo do nível actual de consciência de cada ser humano. Confúcio dizia: “Se houver rectidão no coração, haverá beleza no carácter. Se houver beleza no carácter, haverá harmonia no lar. Se houver harmonia no lar, haverá ordem na nação. Se houver ordem na nação, haverá paz no mundo.”

---

<sup>37</sup> Cf. sobre esta ontologia do Mal tão presente no mundo contemporâneo, o livro já referido de John A. Sanford e ainda o impressionante e lúcido livro de PECK, M. Scott — *O Povo da Mentira. A Esperança humana para a Cura do Mal*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1992.

Mas como pode a humanidade contemporânea — em que o indivíduo se desintegra cada vez mais no afluxo vertiginoso das imagens propagadas pelos audio-visuais, em que contínuas tentativas de fugas interestrelares parecem ecoar na velocidade estonteante dos motores e dos desportos radicais — como pode o homem (re)adquirir o gosto de uma coexistência pacífica com os seus semelhantes, sem distinção de cor, de língua ou de convicção política? Como pode o homem conviver harmoniosamente com todas as outras espécies do cosmos e assim despertar para valores éticos profundos, exibindo uma sensibilidade para as necessidades dos outros e uma consciência de ordem ecológica que hoje estamos bem longe de possuir? É que entre as forças psicológicas que caracterizam a actual condição do mundo e contribuem para a grave crise universal, se encontram uma forte predisposição para a violência, uma gula e uma ganância insaciáveis e uma insatisfação habitual que tende a criar uma ambição sem limites em busca de objectivos irracionais. A grave falta de consciência de que estamos intimamente ligados com a natureza leva a que se ponha de parte toda uma sensibilidade ecológica que é fundamental para se continuar a viver.

Em última análise, todas estas características parecem ser sintomas inequívocos de uma séria alienação da vida interior e da perda dos valores espirituais. Jacob Needleman descreve-a, de forma bem explícita: “(...) Whatever prevents contact between the fundamental forces of our nature — only that can rightly be called evil in human life. Man is built to allow this contact at a certain level of awareness not possible in any other creature. Whatever stands in the way of a conscious contact between the spiritual and the material in human life, only that is truly evil. (...)”<sup>38</sup>. E o mesmo filósofo conclui: “(...) Man cannot be or act in accordance with good unless there is a flow of exchange from the higher toward the lower in him, and this requires, first and foremost, contact between disparate worlds within his nature. God, or whatever name you wish to give to the higher, can never actually influence our lives unless there is the contact. (...)”<sup>39</sup>.

Há dois contos de Oscar Wilde — *O Jovem Rei* e *O Príncipe Feliz* — onde me parece evocar, através de acentos poeticamente melancólicos e sofridos, toda esta problemática que temos vindo a salientar e que se

---

<sup>38</sup> NEEDLEMAN, Jacob — *Money and the meaning of life*, Published by Currency Doubleday, New York, 1994, p. 115.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 116.

prende quer com a alienação individual e colectiva, quer com o divórcio — cada vez mais nítido — que o mundo actual criou entre o plano da matéria e o plano do espírito. Aliás, ambos falam da emergência espiritual que desempenha um papel transformador representando um acréscimo de consciência tanto pessoal como colectiva.

*O Jovem Rei*<sup>40</sup> evoca a história de um velho rei moribundo cujo neto tinha sido educado entre pastores e ovelhas. Sentindo próxima a morte, mandou-o buscar e reconhece-o como seu herdeiro. Ora, desde o primeiro momento do seu reconhecimento que o futuro rei tinha demonstrado “(...) sinais daquela estranha paixão pela beleza (...) Todos os materiais raros e valiosos exerciam sobre ele grande fascínio, e na sua ânsia de os procurar, tinha mandado alguns mercadores negociar âmbar com os pescadores duros dos mares do norte; tinha mandado outros ao Egipto procurar uma turquesa verde magnífica que só se encontra nos túmulos dos reis e que se diz possuir propriedades mágicas; outros ainda à Pérsia, comprar carpetes de seda e cerâmica pintada; e outros à Índia, comprar gaze e marfim pintado, pedras preciosas e pulseiras de jade, sândalo e esmalte, e xailes de pura lã. (...)”<sup>41</sup>. Com a proximidade da sua coroação, o jovem rei preocupa-se sobretudo com o manto que iria vestir, manto esse tecido a ouro, com a coroa de rubis e com o ceptro cravado de filas e anéis de pérolas. Mas na noite anterior à cerimónia que se adivinhava grandiosa e opulenta tem três sonhos: no primeiro, vê os tecelões que lhe preparam o manto, figuras esqueléticas de homens, crianças pálidas com ar doentio, atormentados pela fome e miséria, mulheres macilentas a costurar no ar pestilento de um sótão cujas paredes escorriam humidade. Um deles diz-lhe: “(...) Nós tecemos todo o dia para eles [os ricos], e eles amontoam ouro nos seus cofres, enquanto os nossos filhos morrem antes do tempo e os rostos daqueles que amamos se tornam duros e maus. Nós pisamos as uvas, e os outros bebem o vinho. Nós semeamos o milho e o nosso celeiro está vazio. Nós temos correntes, apesar dos olhos não as verem, e somos escravos apesar dos homens dizerem que somos livres.(...)”<sup>42</sup>

No segundo sonho, assistiu à procura da pérola magnífica para o seu ceptro ... encontrada à custa da dor e da morte dos escravos que remavam

---

<sup>40</sup> in *As Melhores Histórias de Oscar Wilde* (Ilustrado por P. J. Lynch), Porto, Edinter/Edições Internacionais, Lda., 1991, pp. 73-94.

<sup>41</sup> *Ibidem*, pp. 74-76.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 80.

na galera que partira para a achar, dos indígenas cuja terra invadida os vê mortos na sua defesa, do escravo que mergulha três vezes e acaba por sucumbir a tão violento esforço.

No terceiro e último sonho, num bosque escuro, o jovem rei vê uma imensa multidão de homens a trabalhar duramente no leito de um rio seco. Procuram rubis para a sua coroa mas um a um vão sendo dizimados pela peste.

Quando, passada a noite, o Jovem rei vê surgirem os cortesãos com os adornos reais, diz-lhes, gravados que tinha os sonhos no coração: “(...) Levem estas coisas daqui, e escondam-nas de mim. Apesar de ser o dia da minha coroação eu não os usarei. Pois este manto foi tecido no tear da Tristeza e pelas mãos brancas da Dor. Há Sangue no coração deste rubi, e Morte no coração das Pérolas (...)”<sup>43</sup>. Julgaram-no louco. Mas o futuro monarca saiu para a coroação vestido com os velhos trajes que usara enquanto pastor; na cabeça, um ramo de urze selvagem apenas.

Ministros, cortesãos, povo, todos troçavam dele. O próprio bispo se recusava a coroa-lo, convidando-o a esquecer os sonhos que tivera e acrescentando que a responsabilidade pelo mundo era demasiadamente grande para ser carregada por um só homem e que as mágoas colectivas são muito pesadas para um só coração sofrer por elas. Mas nada demoveu o rei-pastor. E quando a multidão, em fúria, se preparava para o matar, ele levantou-se do altar onde tinha estado a rezar, voltou-se e olhou para eles tristemente: “(...) E vejam só! através dos vitrais a luz do Sol incidiu sobre ele e os raios do Sol teceram, à sua volta, um manto muito mais bonito do que o manto feito para seu prazer. No seu cajado sem vida floresceram lírios mais brancos do que as pérolas. Os espinho secos floriram em rosas mais vermelhas do que os rubis (...) e as suas folhas eram de ouro laminado. (...) E o Jovem Rei desceu do altar-mor e voltou para casa, passando pelo meio das pessoas. Mas ninguém se atreveu a olhar para o seu rosto, pois era o rosto de um anjo.”<sup>44</sup>

Que ensinamentos preciosos este conto encerra! Um deles — e, sem dúvida alguma, não o menos relevante — é que a chave da transformação pessoal e até mesmo colectiva está, em cada instante, nas nossas mãos. Mas quantas vezes não fazemos nenhum caso dela pois nos parece demasiadamente vil para abrir a câmara do tesouro! E quantas vezes, como

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>44</sup> *Ibidem.*, p. 94.

nesta narrativa de Oscar Wilde, essa chave se encontra na linguagem do sonhos! Linguagem arcaica, sem sombra de dúvida que, de modo espontâneo e à rebelia da nossa percepção consciente, (re)produz fragmentos de mitos, lendas e contos de fadas, sob a forma de dramas pessoais. São estes, afinal, que estão vinculados às nossas relações e à nossa realidade mais profunda, podendo assim pôr-nos em contacto com fontes e significados que nos permitem relacionar as nossas vidas com as nossas próprias estruturas míticas pessoais.

Tendo-se deixado orientar por uma fonte interior de sabedoria provinda de uma nascente instintiva profunda, o Jovem Rei honra, numa nova capacidade de auto-afirmação e de auto-respeito, as suas necessidades supra-pessoais, redireccionando a “ameaça” que, no início, parecia conter o seu apetite desmedido de luxo e riqueza, de Beleza tão somente material e exterior, tornando-a numa concretização espiritual de um Ideal que arrastará consigo e através de si todo o seu povo.

Às pessoas que têm acesso às suas dimensões profundas, assim como àquelas para quem isso acontece espontaneamente durante uma crise de transformação interior, é assim dada a oportunidade de encontrar as raízes dos aspectos destrutivos e auto-destrutivos da natureza humana, e de os superar, tornando-os completamente conscientes. É um facto incontornável que é desconfortável e doloroso suportarmos sentimentos de culpa. Mas sem essa responsabilização, o crescimento interior encontra-se completamente neutralizado. No seu livro sobre o *Mal. O lado sombrio da realidade*, John A. Sanford, analista junguiano, afirma: “(...) Muitas pessoas não amadurecem espiritualmente desse estágio infantil e simplesmente não querem carregar o fardo da culpa pelo mal pessoal ou omissões pelas quais elas são responsáveis. Entretanto, ninguém escapa do problema da culpa. Muitas pessoas carregam um considerável sentimento de culpa falsa. Isto significa que as pessoas se sentem culpadas pelas coisas erradas e não se responsabilizam por aquilo que, nas suas vidas, seria de sua verdadeira responsabilidade. (...)”<sup>45</sup> E o mesmo estudioso conclui: “(...) A falsa culpa paralisa-nos, mas quando assumimos o apropriado fardo da responsabilidade pela pessoa imperfeita que somos, então não ficamos paralisados, mas a nossa personalidade efectivamente cresce e aprofunda-se...”<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> Cf. o livro já referido em notas anteriores; esta citação pertence à p. 85.

<sup>46</sup> *Ibid.*, *Ibidem*.

*O Príncipe Feliz*, do mesmo escritor que nasceu em Dublin em 1854, é precisamente a história — onde confluem, uma vez mais, a *sombra pessoal* e a *sombra colectiva* — da estátua de um antigo monarca, coberta de folhas de ouro maciço, ostentando duas brilhantes safiras como olhos e tendo, no cabo da espada, um enorme rubi vermelho. Um belo dia, uma andorinha que se perdera do bando, aninha-se a seus pés e, perplexa, vê que a estátua chora! E qual a razão das lágrimas?:” (...) Quando eu era vivo e tinha um coração humano, não sabia o que eram as lágrimas, pois vivia no palácio Sem-Cuidados, onde não é permitida a entrada da tristeza. (...) Os meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz e realmente, se o prazer é felicidade, eu era feliz. E assim vivi, e assim morri. (...)”<sup>47</sup>. E a estátua continua: “(...) E agora que estou morto, eles puseram-me aqui em cima, tão alto que consigo ver todas as coisas feias e toda a miséria da minha cidade, e apesar do meu coração ser feito de chumbo, não consigo deixar de chorar. (...)”<sup>48</sup>.

Procura o Príncipe assumir então — e com a preciosa ajuda da andorinha que, comovida pela vontade que vê de compensar o mal de outrora pelo bem do presente, adia sistematicamente a sua partida para as terras banhadas pelo Nilo — a responsabilidade da sua demissão quando era vivo. E, à medida que vê uma pobre mãe costureira, de rosto magro e exausto, a bordar flores de paixão num vestido de cetim para a mais bela das damas de honor da rainha, enquanto o seu filhinho jaz, com fome e febre, na camita pobre; um jovem que num sótão tenta acabar uma peça para o director do teatro da cidade, mas sem o conseguir porque a fome o deixou enfraquecido e a falta de dinheiro o obrigou a deixar morrer o fogo na lareira; uma rapariguinha que deixa cair na sarjeta os fósforos que o pai lhe dera para vender, arriscando-se assim — embora débil, franzina e miserável — a ser punida, o Príncipe Feliz pede à andorinha que o despoje do rubi da espada e das suas safiras raras que lhe serviam de olhos e os entregue respectivamente à costureira exangue, ao poeta miserável e à menina esquelética.

E assim o Príncipe Feliz fica cego, parecendo-me lícito interpretar esta cegueira em termos simbólicos: cego para o mundo exterior, para os valores outrora cultivados do mundanismo, da frivolidade, do narcisismo,

---

<sup>47</sup> “O Príncipe Feliz”, in *As Melhores Histórias de Oscar Wilde...*, pp. 41-54. A citação é da p. 44.

<sup>48</sup> *Ibid.*, *Ibidem*.

da irresponsabilidade. (É deste modo que, em todas as tradições, a cegueira pode simbolizar o nascimento de um outro olhar — o terceiro olho — que implica os verdadeiros atributos da lucidez, da clarividência, a visão do Essencial que, como tão bem afirmava Saint-Exupéry, é invisível para os olhos!). Mas desperto para as misérias circundantes. O inverno chega e a andorinha gelada mas com pena do Príncipe dispõe-se a ser os olhos que ele tão altruisticamente doara. E relata-lhe a miséria que vê na cidade, à medida que a estátua lhe pede que vá distribuindo pelos mais pobres as folhas de ouro maciço que a cobrem. E quando a andorinha morre, de frio e exaustão, o coração do Príncipe parte-se em dois e a sua estátua é deitada abaixo porque sem as placas de ouro que a cobrem, ficara cinzenta e sem graça. Ao tentarem derretê-la, apenas o coração de chumbo não derreteu; por isso o atiraram para o lixo, onde já se encontrava o corpo da Andorinha morta.

E a narrativa acaba assim: “(...) Traz-me as duas coisas mais preciosas da cidade”, disse Deus a um dos seus Anjos; e o Anjo levou-lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

“Escolheste bem”, disse Deus, “pois no meu jardim do Paraíso, este pássaro cantará para sempre, e na minha cidade de ouro o Príncipe Feliz far-me-á companhia.”<sup>49</sup>.

Ter consciência da *sombra pessoal* é o primeiro passo para evitarmos acrescentar a nossa “escuridão” à densidade da *sombra colectiva*. Se tal acontecesse, os problemas da fome, da pobreza e da maioria das mortes relacionadas com as doenças do mundo, seriam perfeitamente dispensáveis, considerando-se os recursos disponíveis e o progresso da ciência. Além da aberração psicológica das guerras, as estatísticas mostram claramente que nenhuma nação moderna ficou rica como resultado de uma guerra; a destruição sem sentido dos valores económicos e sobretudo a destruição das vidas, é a regra. Não há absolutamente nenhuma necessidade real para saquear as reservas não renováveis e poluir os recursos vitais. A humanidade tem os meios e os conhecimentos tecnológicos para alimentar a população do planeta, garantir um padrão de vida razoável para todos, combater a maioria das doenças, redireccionar as indústrias para as fontes inesgotáveis de energia e evitar a poluição.

Só que, como temos vindo a ver ao longo desta reflexão, tornar-se psicologicamente consciente e encarar honestamente a própria ambigui-

---

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 54

dade, pode ser e é difícil e doloroso. É que o caminho para a consciência é, antes de mais, um caminho individual. Ele nunca pode ser percorrido colectivamente ou em massa. Tão logo alguém reconheça a *sombra pessoal*, tal ser inicia o caminho para a sua consciência individual. Apesar do sofrimento, é a porta estreita que conduz à Vida. Mas a ética fundamental do indivíduo mede-se sempre com a liberdade que envolve a necessidade de assumir o peso da escolha e do conflito psicológico: o ser humano deverá ser deixado diante das alternativas que a vida lhe coloca. A liberdade é o mais alto valor psicológico e ético porque por si só possibilita o desenvolvimento da consciência e do amor verdadeiro. Pode ser bem verdade que seja este o motivo pelo qual fomos criados como seres ambíguos, pois a ambiguidade representa o requisito de todo o desenvolvimento espiritual consciente.

Não é esta, afinal, a mensagem fulcral do lindo conto de Sophia de Mello Breyner, *A Fada Oriana*? O que está em nosso poder, o que, por conseguinte, é o nosso dever, é iniciar em nós próprios um trabalho corajoso e lúcido de aprofundamento, para reencontrar a fonte e a fazer correr. Este esforço silencioso e solitário é, paradoxalmente, aquele que se revelará, a longo prazo, o mais proveitoso para a humanidade à qual pertencemos. O caminho que leva ao *Si—Mesmo* é estreito como um fio de navalha, ladeado de abismos à direita e à esquerda. Não é senão ao fim de muitos passos, de bastantes quedas, que se alcança a justeza e a integridade. Mas quando as ordens da Rainha das Fadas Más são, para Oriana, a fim que esta possa recuperar as asas de fada perdidas pela sua maldade e irresponsabilidade, as de

“Sujar a água das fontes.  
Pôr teias de aranha em cima das flores.  
Fazer secar as sementes que estão na terra a germinar.  
Roubar a voz dos rouxinóis.  
Azedar o vinho.  
Roubar o dinheiro dos pobres.  
Empurrar as crianças.  
Apagar o lume dos velhos.  
Roubar o perfume das rosas.  
Atormentar os animais  
Desencantar o mundo. (...)”<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> BREYNER, Sophia de Mello — *A Fada Oriana*. (Ilustrações de Luís Noronha da Costa), Lisboa, Ed. Ática, 1978. A citação é da p. 73.

só lhe resta, num sublime acto de arrependimento e contrição por todo o mal outrora semeado, gritar: “(...) Antes quero ser boa. Mesmo que por isso não possa ter asas, mesmo que os meus pés deixem atrás de si rastos de sangue e de dor(...)”<sup>51</sup>.

E se assim respondermos, talvez um dia a Rainha das Fadas Boas nos possa dizer como a Oriana: “(...) Oriana, cumpriste hoje a tua promessa. Para salvar a velha, esquecendo-te de ti, saltaste no abismo. E o teu dó pela tua amiga foi tão grande que nem te lembraste de ter medo. Porque tu és a Fada Oriana, a quem foram entregues as plantas, os animais e os homens da floresta. E és tu que os guardas para que eles possam viver em paz. E quando tu os abandonaste, os animais fugiram para os montes, as flores secaram e os homens foram para a cidade, onde se perdiam nas ruas cruzadas. Por isso eu ordeno que de novo nasçam duas asas nos teus ombros. (...)”<sup>52</sup>.

E Oriana levantou a sua varinha de condão e tudo, à sua volta, ficou encantado.

*Maria do Rosário Pontes*

---

<sup>51</sup> *Ibid., Ibidem.*

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 77.